

1

Da primeira vez em que pus os olhos em Terry Lennox ele estava bêbado, num Rolls-Royce Silver Wraith, em frente ao terraço do The Dancers. O manobrista tinha trazido o carro e mantinha a porta aberta porque o pé esquerdo de Terry Lennox ainda balançava do lado de fora, como se ele tivesse esquecido que tinha um pé. Seu rosto tinha aparência jovem, mas os cabelos eram brancos como ossos. Pelos olhos dava para ver que estava bêbado até a raiz dos cabelos, mas fora isso ele parecia apenas mais um rapaz bacana, vestindo *dinner jacket*, que tinha gasto dinheiro demais numa espelunca que existe para esse propósito e nenhum outro.

Havia uma garota com ele. Seu cabelo tinha uma adorável tonalidade escura de ruivo e ela mantinha um sorriso distante nos lábios, e sobre os ombros uma pele de arminho azul que quase fazia o Rolls-Royce parecer um carro igual a qualquer outro. Mas não fazia. Nada pode fazer.

O manobrista era aquele tipo habitual, durão pela metade, num paletó branco com o nome do restaurante bordado na frente em letras vermelhas. Já estava ficando de saco cheio daquilo.

“Olhe, mister”, disse ele, com a voz tensa, “seria incômodo demais puxar a perna pra dentro do carro pra eu meio que poder fechar a porta? Ou é melhor eu abrir a porta toda para o senhor cair pra fora?”.

A garota deu-lhe um olhar que deveria tê-lo atravessado e saído pelo menos meio palmo do lado oposto. Isso não chegou a lhe dar uma tremedeira. O Dancers está cheio de gente que deixa você sem ilusões sobre o que o dinheiro ganho no golfe pode fazer pela personalidade de alguém.

Um carro esporte baixo, sem capota, entrou no estacionamento e um homem desceu dele, depois de usar o acendedor do painel num cigarro longo. Usava um pulôver axadrezado, calças largas amarelas e botas de montaria. Ao caminhar soltava nuvens de incenso, sem se dignar a dar sequer uma olhada para o Rolls-Royce. Provavelmente o achava cafona. Ao pé da escadaria que conduzia ao terraço fez uma pausa para encaixar um monóculo no olho.

A garota disse, num rompante de charme: “Tenho uma ideia ótima, querido. Por que não tomamos um táxi até sua casa e pegamos o conversível? Está uma noite tão linda para ir pela estrada até Montecito. Conheço um pessoal de lá que está dando uma festa na piscina.”

O rapaz de cabelo branco respondeu, educadamente: “Lamento muito, mas não tenho mais o conversível. Fui obrigado a vender.” Pela sua voz e sua articulação, alguém pensaria que ele não bebera nada mais forte do que suco de laranja.

“Vendeu, querido? O que quer dizer com isso?” Ela deslizou no banco do carro, afastando-se dele um pouco, mas sua voz pareceu deslizar para mais longe ainda.

“Quero dizer que tive de vender. Pra comprar comida.”

“Ah, entendo.” Um merengue com sorvete não teria derretido nela naquele momento.

Agora o manobrista tinha enquadrado o rapaz de cabelos brancos num patamar de baixa renda onde poderiam dialogar. “Olhe aqui, campeão”, disse ele, “tenho que guardar um carro. Outro dia a gente leva um papo, quem sabe”.

Ele escancarou a porta. O bêbado prontamente escorregou do banco do carro e caiu sentado no asfalto. De modo que eu fui até lá meter o bedelho. Eu sei que é sempre um erro interferir no que um bêbado está fazendo. Mesmo que seja um conhecido

seu, alguém que goste de você, nada o impede de armar um soco e acertar seus dentes. Agarrei-o por baixo dos braços e consegui pô-lo de pé.

“Muitíssimo obrigado”, disse ele educadamente.

A garota deslizou para trás do volante. “Ele fica tão britânico quando está bêbado”, disse ela, numa voz de aço inoxidável. “Obrigada por ajudá-lo.”

“Vou colocá-lo no banco de trás”, disse eu.

“Sinto muito, mas estou atrasada para um compromisso.” Ela passou marcha e o Rolls começou a avançar. “Ele é só um cão sem dono”, continuou ela com um sorriso frio. “Talvez você possa achar uma casa para ele. Está no olho da rua — mais ou menos.”

E assim o Rolls-Royce desceu a rampa que conduzia ao Sunset Boulevard, virou à direita e sumiu. Eu estava olhando ainda naquela direção quando o manobrista voltou. E ainda segurava o sujeito, que a essa altura estava num sono profundo.

“Bem, é uma forma de resolver o problema”, disse eu ao cara de paletó branco.

“Claro”, disse ele com cinismo. “Por que perder tempo com um bêbado? Com umas curvas daquelas...”

“Você o conhece?”

“Ouvi a patroa chamar ele de Terry. Afora isso, não sei a diferença entre ele e o traseiro de uma vaca. Mas só estou trabalhando aqui há duas semanas.”

“Pega meu carro, por favor”, disse eu, entregando-lhe o tíquete.

Quando ele finalmente chegou com meu Olds, era como se eu estivesse segurando um saco de chumbo. O manobrista me ajudou a colocá-lo no banco da frente. O rapaz abriu um olho, disse muito obrigado e voltou a dormir.

“É o bêbado mais educado que já vi”, falei para o manobrista.

“Eles vêm em todos os formatos e tamanhos e em todos os modelos”, disse ele. “Todos uns vagabundos. Esse aqui parece ter feito uma plástica.”

“É mesmo.” Dei-lhe um dólar e ele agradeceu. Tinha razão sobre a cirurgia plástica. O lado direito do rosto do meu novo amigo era meio rígido e esbranquiçado e costurado com pequenas cicatrizes muito finas. A pele das cicatrizes tinha uma aparência luzidia. Uma cirurgia plástica, e bem radical.

“O que vai fazer com ele?”

“Levá-lo para casa e fazer ele despertar o bastante pra me dizer onde mora.”

O cara sorriu. “Ok, mané, vai em frente. Se fosse eu, jogava ele no meio-fio e seguia em frente. Esses pingüços dão um baita trabalho, e pra nada. Eu tenho uma filosofia pra essas coisas. Do jeito que anda a concorrência hoje em dia, o cara tem de poupar energia pra se proteger nos clinches.”

“Basta ver você pra perceber que funciona”, disse eu.

Ele pareceu desconcertado e quando começou a ficar furioso eu já tinha dado partida no carro e ido embora.

Ele tinha razão em parte, é claro. Terry Lennox acabou me dando problemas até não poder mais. Mas, tudo bem, está na linha do meu trabalho.

Naquele ano eu estava morando numa casa na Yucca Avenue, no distrito de Laurel Canyon. Era uma casinha na encosta numa rua sem saída com uma longa escadaria de degraus de madeira subindo até a porta da frente e um pequeno bosque de eucaliptos do lado oposto da rua. A casa era mobiliada e pertencia a uma mulher que tinha se mudado por uns tempos para Idaho, para fazer companhia à filha que ficara viúva. O aluguel era barato, em parte porque a proprietária podia querer voltar a qualquer momento, e em parte por causa dos degraus. Ela estava ficando velha demais para poder encarar aquela subida toda vez que voltava para casa.

Consegui levar o bêbado lá para cima, não sei como. Ele tentava ajudar, mas suas pernas pareciam feitas de borracha, e ele insistia em adormecer no meio de cada pedido de desculpas. Consegui destrancar a porta e arrastá-lo para dentro. Estendi-o no sofá e o cobri com uma colcha, e deixei que dormisse. Ele ron-

cou como um ancião durante uma hora. Depois acordou de repente e quis ir ao banheiro. Quando voltou, olhou para mim, me examinando, apertando os olhos, até perguntar onde diabo estava. Eu lhe disse. Ele falou que se chamava Terry Lennox, morava num apartamento em Westwood e não havia ninguém esperando por ele. Sua voz era clara e nem um pouco pastosa.

Ele disse que uma xícara de café preto cairia bem. Quando eu a trouxe, ele bebericou com cuidado, segurando o pires bem junto à xícara.

“Como vim parar aqui?”, perguntou, olhando ao redor.

“Você apareceu bêbado num Rolls, lá no The Dancers. Sua garota o largou lá e caiu fora.”

“Isso”, disse ele. “Claro que ela estava coberta de razão.”

“Você é inglês?”

“Morei lá. Não nasci lá. Se for possível chamar um táxi, irei para casa.”

“Estou com meu carro lá embaixo.”

Ele desceu a escadaria sem ajuda, desta vez. Não falou muito durante o trajeto até Westwood, exceto para dizer que era muita gentileza de minha parte e que lamentava estar dando tanto trabalho. Provavelmente já tinha dito aquilo a tanta gente que se transformara em algo automático.

O apartamento dele era pequeno, abafado, impessoal. Era como se ele tivesse se mudado para lá naquela mesma tarde. Numa mesinha de café diante de um grande sofá-cama verde havia uma garrafa de scotch pela metade, gelo derretido num balde e três garrafas vazias de água com gás e dois copos e um cinzeiro de vidro cheio de pontas de cigarro com e sem batom. Não havia uma única foto ou objeto pessoal em todo o lugar. Aquilo podia ser um quarto de hotel alugado para um encontro ou para uma despedida, para uma conversa regada a alguns drinques, para dar uma faturada. Não parecia um lugar onde uma pessoa vivesse.

Ele me ofereceu um drinque. Eu falei que não, obrigado. Não me sentei. Quando fui embora, ele voltou a me agradecer, mas não como se eu tivesse subido uma montanha por causa dele, nem como se aquilo fosse algo demais. Estava um pouco trêmulo,

meio tímido, mas cortês como o diabo. Ficou parado na porta até que o elevador automático subiu e eu entrei. Ele podia não ter outra coisa, mas tinha boa educação.

Ele não tinha voltado a falar na garota. Também não disse que estava sem emprego e sem perspectivas, e que tinha gasto praticamente seu último dólar no The Dancers com uma bonequinha de classe que não ficou o suficiente para garantir que ele não ia ser jogado numa cela pela radiopatrulha, ou roubado por um taxista bandalha e despejado num terreno baldio.

Enquanto o elevador descia, tive um impulso de voltar e tirar dele a garrafa de scotch, mas não era da minha conta, e em todo caso não ia adiantar. Eles sempre dão um jeito de arranjar bebida quando precisam dela.

Dirigi de volta para casa mordendo o lábio. Sou tido como durão, mas havia alguma coisa no jeito do rapaz que me tocou. Não sei o que poderia ser, a menos que fosse o cabelo branco, ou as cicatrizes no rosto ou a voz clara ou os modos bem-educados. Talvez isso fosse o bastante. Não havia nenhum motivo para que eu voltasse a vê-lo algum dia. Ele era apenas um cão sem dono, como a garota tinha dito.

2

Foi na semana após o Dia de Ação de Graças que voltei a vê-lo. As lojas ao longo do Hollywood Boulevard estavam começando a ficar abarrotadas de lixo natalino superfaturado, e os jornais já bradavam o quanto seria terrível se você não antecipasse suas compras de Natal. Seria terrível em qualquer hipótese. Sempre é.

A cerca de três quarteirões de distância do meu escritório vi um carro da polícia parado em fila dupla e os dois fardados dentro dele observando alguma coisa junto a uma vitrine na calçada. Essa coisa era Terry Lennox — ou o que restava dele —, e não era uma visão muito atraente.

Ele estava encostado à fachada da loja. Precisava estar encostado a alguma coisa. Sua camisa estava suja e aberta no colari-

nho, parte dela sobrando por baixo do paletó. Não fazia a barba havia quatro ou cinco dias. Seu nariz estava com aspecto doentio. A pele estava tão pálida que as longas cicatrizes mal apareciam. E seus olhos estavam fundos como buracos redondos na neve. Percebi com clareza que os policiais estavam prestes a detê-lo, de modo que fui depressa até lá e o peguei pelo braço.

“Se endireite e caminhe”, falei, com voz durona. Mas pisquei o olho para ele. “Pode andar? Está muito bêbado?”

Ele me examinou meio fora de foco e depois deu seu sorriso de lado. “Bebi um pouco”, sussurrou. “Mas agora estou meio... esvaziado.”

“OK, mas mexa-se. Você já está com um pé na cadeia.”

Ele fez um esforço e me deixou conduzi-lo pelo meio dos transeuntes parados na calçada até o meio-fio. Havia um táxi parado no ponto e eu abri a porta.

“O outro está na vez”, disse o taxista, apontando outro táxi adiante. Ele virou a cabeça e viu Terry. “Se é que vai querer”, completou.

“É uma emergência. Meu amigo está doente.”

“Pois sim”, disse ele. “Mande ele adoecer em outro lugar.”

“Cinco dólares”, eu disse, “e me mostre esse sorriso lindo”.

“Ah, tá bom”, disse ele, enfiando uma revista com um marciano na capa por trás do retrovisor. Abri mais a porta e enfiei Terry Lennox lá dentro, e então vi a sombra do carro da polícia escurecendo as janelas do lado oposto. Um policial de cabelo grisalho desceu do carro e se aproximou. Rodeei o táxi e fui ao seu encontro.

“Um instante aí, companheiro. O que está havendo aí? Esse cavalheiro de roupa suja é seu amigo?”

“Amigo o bastante para eu saber que ele precisa de ajuda. Ele não está bêbado.”

“Por motivos financeiros, sem dúvida”, disse o policial. Estendeu a mão e eu coloquei nela a minha licença de detetive. Ele olhou e devolveu. “Oh-oh”, disse. “Um detetive particular recolhendo um cliente.” Sua voz mudou, ficando mais áspera. “Isso diz alguma coisa a seu respeito, sr. Marlowe. E quanto a ele?”

“Ele se chama Terry Lennox. Trabalha com cinema.”

“Que legal.” Ele se inclinou para olhar dentro do táxi, onde Terry estava encolhido num canto. “Eu diria que ele não trabalhou muito ultimamente. Diria que ele não dormiu sob um teto ultimamente. Diria até que ele está praticando a vagabundagem e que talvez a gente o leve.”

“A cota de detenções de vocês não pode estar assim tão baixa”, disse eu. “Não em Hollywood.”

Ele ainda estava olhando para Terry. “Qual é o nome de seu amigo aqui, camarada?”

“Philip Marlowe”, disse Terry, bem devagar. “Ele mora em Yucca Avenue, em Laurel Canyon”.

O policial puxou a cabeça de dentro do carro e endireitou-se. Fez um gesto com a mão. “Talvez você tenha acabado de dizer isso a ele.”

“Talvez. Mas não disse.”

Ele me olhou por um ou dois segundos. “Vou aceitar dessa vez”, disse. “Mas tire esse sujeito da rua.” Entrou no carro e foi embora.

Entrei no táxi e rodamos os poucos quarteirões dali até o estacionamento, onde passamos para o meu carro. Estendi a nota de cinco para o taxista. Ele me deu um olhar empertigado e balançou a cabeça.

“Só o que o taxímetro está marcando, cara, e se quiser pode arredondar. Já andei ao deus-dará em outros tempos. Em Frisco. Ninguém me apanhou pra me botar num táxi. Aquela é uma cidade com coração de pedra.”

“San Francisco”, disse eu, mecanicamente.

“Eu chamo de Frisco”, disse ele. “E que se danem os grupos de minorias. Obrigado.” Pegou o dólar que lhe estendi e foi embora.

Dirigi até um drive-in onde se vendiam uns hambúrgueres que não tinham gosto de carne e que até um cão rejeitaria. Fiz com que Lennox comesse dois e tomasse uma cerveja, e depois o levei para casa. Os degraus voltaram a lhe dar trabalho, mas ele sorriu, e arfou, e completou a escalada. Uma hora depois já tinha

feito a barba, tomado um banho, e parecia humano novamente. Sentamos na sala com dois drinques leves.

“Foi sorte você lembrar o meu nome”, falei.

“Fiz questão disso”, disse ele. “Andei me informando sobre você. Era o mínimo que podia fazer.”

“Por que não me ligou? Estou aqui o tempo todo. E também tenho um escritório.”

“Por que iria incomodá-lo?”

“Tenho a impressão de que você acaba incomodando alguém. Tenho a impressão de que você não tem muitos amigos.”

“Oh, eu tenho amigos, sim”, disse ele, “de certo modo”. Ficou girando o copo sobre o tampo da mesa. “Pedir ajuda não é uma coisa fácil, principalmente quando a culpa é toda nossa.” Ele me deu um sorriso fatigado. “Talvez eu pare de beber qualquer dia desses. Todo mundo diz isso, não é?”

“Leva cerca de três anos.”

“Três anos?” Ele pareceu chocado.

“Geralmente é isso. É um mundo diferente desse aqui. Você tem que se acostumar a uma paleta de cores mais suaves, a sons mais baixos. Tem que aceitar as recaídas. Todas as pessoas que você conhecia bem vão lhe parecer meio estranhas. Você não vai mais gostar de alguns deles, e eles também não vão gostar de você.”

“Não iria mudar muita coisa”, disse ele. Virou a cabeça para olhar o relógio na parede. “Tenho uma mala guardada na estação rodoviária de Hollywood, uma mala que vale duzentos dólares. Se eu conseguir resgatá-la, posso comprar uma mais barata e colocar essa no prego, e conseguir o bastante para uma passagem de ônibus até Las Vegas. Posso arranjar um emprego por lá.”

Não falei nada. Apenas assenti com a cabeça e continuei sentado, dando atenção ao meu copo.

“Você está pensando que eu podia ter tido essa ideia antes”, disse ele, suavemente.

“Estou pensando que por trás disso tudo tem algo que não é da minha conta. O tal emprego é coisa certa ou é uma mera esperança?”

“É coisa certa. Um cara que conheço dos tempos do Exército está com um grande clube lá, o Terrapin Club. Ele é meio trambiqueiro, é claro, todos eles são, mas a outra metade dele é um cara legal.”

“Posso lhe arranjar a passagem de ônibus e um pouco mais. Mas preferiria ter certeza de que vou pagar por uma coisa garantida. Telefone para seu amigo.”

“Obrigado, mas não é preciso. Randy Starr não vai me deixar na mão. Nunca fez isso. E a minha mala pode me render cinquenta dólares. Tenho experiência disso.”

“Olhe”, disse eu, “eu posso fornecer quanto você precisar. Não sou um pateta de coração mole. Pegue o que ofereci e faça bom uso. Quero que você saia do meu pé, porque tenho um pressentimento sobre você”.

“É mesmo?” Ele olhou para dentro do copo. Estava apenas molhando os lábios no líquido. “A gente se encontrou duas vezes apenas, e você agiu de uma maneira imaculadamente limpa comigo. Qual é seu pressentimento?”

“O pressentimento de que na próxima vez em que a gente se encontrar você vai estar envolvido num problema e eu não vou conseguir tirá-lo. Não sei por que tenho essa impressão, mas tenho.”

Ele passou dois dedos de leve pelo lado direito do rosto. “Talvez seja isso aqui. Me faz parecer um tanto sinistro, acho. Mas é um ferimento honroso, ou pelo menos o resultado de um.”

“Não é isso. Isso aí não me incomoda nem um pouco. Sou um detetive particular. Você é um problema que eu não tenho que resolver. Mas o problema está lá. Pode chamar de palpite. Se quiser ser polido além da conta, chame de uma sensibilidade ao caráter alheio. Talvez aquela garota não o tenha deixado na mão lá no The Dancers somente porque você estava bêbado. Talvez ela tenha sentido alguma coisa também.”

Ele deu um sorriso pálido. “Já fui casado com ela. Ela se chama Sylvia Lennox. Casei com ela por dinheiro.”

Fiquei de pé e o olhei de um modo severo. “Vou fazer uns ovos mexidos. Você precisa de comida.”

“Espere um instante, Marlowe. Você está imaginando por que é que, se eu estava na pior, e Sylvia tem um monte de dinheiro, eu não pedi nada a ela. Já ouviu falar em orgulho?”

“Tenha dó, Lennox.”

“Mesmo? Meu orgulho é de um tipo diferente. É o orgulho de um cara que não tem nada mais além disso. Sinto muito se isso o incomoda.”

Fui para a cozinha e preparei um pouco de bacon canadense e ovos mexidos e café e torradas. Comemos no recanto onde eu tomava meu café da manhã. A casa pertencia a um período em que isso era habitual.

Falei que tinha de passar no escritório e na volta poderia pegar sua mala. Ele me deu o tíquete. Seu rosto já estava mais corado e os olhos não estavam mais tão fundos que fosse preciso puxá-los de volta com os dedos.

Antes de sair, fui buscar a garrafa de uísque e a pus sobre a mesa, diante do sofá.

“Use um pouco do seu orgulho nisso aqui”, falei. “E telefone para Vegas, mesmo que só para me fazer um favor.”

Ele apenas sorriu e encolheu os ombros. Eu ainda estava chateado quando descii os degraus na direção da rua. Não sabia por que, tanto quanto não sabia por que um sujeito prefere passar fome e vagar pelas calçadas em vez de penhorar seu guarda-roupa. Ele jogava de acordo com regras próprias, fossem elas quais fossem.

A mala era a coisa mais horrível que eu já tinha visto. Era coberta de pelica branqueada, e quando nova devia ter tido uma tonalidade clara de creme. Os acessórios eram de ouro. Fabricada na Inglaterra e, se fosse possível comprar uma daquelas ali na Califórnia, seria algo em torno de oitocentos dólares e não duzentos.

Larguei-a com força no chão diante dele. Olhei a garrafa sobre a mesa. Não tinha sido tocada. Ele estava tão sóbrio quanto eu. Estava fumando um cigarro, mas com cara de quem não estava gostando muito.

“Liguei para o Randy”, disse ele. “Estava chateado por eu não ter ligado antes.”

“É preciso um estranho para poder ajudá-lo”, disse eu. “Foi um presente de Sylvia?”, perguntei, apontando a mala.

Ele olhou pela janela. “Não. Foi um presente que ganhei na Inglaterra, muito antes de conhecê-la. Há muito, muito tempo. Gostaria de deixá-la aqui com você, se puder me emprestar uma mala velha.”

Puxei cinco notas de vinte da carteira e as coloquei diante dele. “Não preciso de garantia.”

“Minha ideia não era essa. Você não é dono de loja de pe-nhor. É só porque eu não a quero comigo em Vegas. E não preciso desse dinheiro todo.”

“Está bem. Você guarda o dinheiro e eu guardo a mala. Mas essa casa é fácil de assaltar.”

“Não faz diferença”, disse ele, com desinteresse. “Nenhuma diferença.”

Trocou de roupa e jantamos no Musso’s lá pelas cinco e meia. Sem bebida. Ele pegou o ônibus em Cahuenga e eu voltei para casa pensando numa coisa e noutra. Sua mala vazia estava em cima da cama onde ele a tinha esvaziado e transferido seu conteúdo para uma maleta um pouco menor que lhe emprestei. A mala dele tinha uma chave de ouro, que estava encaixada numa das fechaduras. Tranquei-a vazia, amarrei a chavezinha na alça e a guardei na prateleira de cima do meu armário de roupas. Ela não parecia estar vazia pra valer, mas o que havia ali não era da minha conta.

Era uma noite quieta e a casa pareceu mais vazia do que o habitual. Alinhei as peças do xadrez e comecei a jogar uma Defesa Francesa contra Steinitz. Ele me derrotou em quarenta e quatro lances, mas eu o fiz suar pelo menos duas vezes.

O telefone tocou às nove e meia e a voz que falou era uma que eu já tinha escutado antes.

“É o sr. Philip Marlowe?”

“Sim. Sou Marlowe.”

“Aqui é Sylvia Lennox, sr. Marlowe. Nós nos vimos uma noite, rapidamente, em frente ao The Dancers, no mês passado.

Depois fiquei sabendo que o senhor foi atencioso o bastante para fazer com que Terry chegasse em casa.”

“É, eu fiz isso.”

“Imagino que saiba que eu e ele não estamos mais casados, mas eu ando um pouco preocupada com ele. Abandonou o apartamento que tinha em Westwood e ninguém parece saber onde ele se encontra.”

“Vi como estava preocupada, quando nos encontramos.”

“Olhe, sr. Marlowe, eu fui esposa desse cara. Não tenho muita paciência com gente bêbada. Talvez eu tenha sido um pouco insensível. Talvez eu tivesse algo muito importante para fazer. O senhor é um detetive particular e podemos inclusive chegar a um acordo profissional, se preferir assim.”

“Não precisamos de acordo nenhum, sra. Lennox. Ele está num ônibus, indo para Las Vegas. Ele tem um amigo lá que vai lhe dar um emprego.”

A voz dela se alegrou no mesmo instante. “Oh... para Las Vegas? Como ele é sentimental. Foi lá que nos casamos.”

“Ele deve ter esquecido”, disse eu, “senão teria ido para outro lugar”.

Em vez de bater o telefone ela deu uma risada. Era uma risadinha mimosa. “O senhor é sempre tão rude com seus clientes?”

“A senhora não é uma cliente, sra. Lennox.”

“Posso ser um dia. Quem sabe? Digamos então: com as suas amigas?”

“Mesma resposta. O rapaz estava na pior, faminto, sujo, sem um centavo. A senhora podia tê-lo encontrado, se se dispusesse a gastar seu tempo. Ele não queria nada da senhora daquela vez, e provavelmente não vai querer nada agora.”

“Isso”, disse ela com frieza, “é algo de que o senhor não tem a menor noção. Boa noite”. E desligou.

Ela tinha toda razão, e eu não tinha nenhuma. Mas eu não me sentia errado. Só magoado. Se ela tivesse ligado meia hora antes eu podia estar magoado o bastante para dar uma bela surra em Steinitz — só que ele estava morto havia cinquenta anos e o jogo de xadrez estava todo num livro.

Três dias antes do Natal recebi um cheque de um banco de Las Vegas no valor de cem dólares. Com ele vinha uma nota rabiscada num papel com timbre de hotel. Ele me desejava feliz Natal e tudo que houvesse de bom e dizia que esperava me rever em breve. O detalhe estava no pós-escrito. “Sylvia e eu estamos vivendo uma segunda lua de mel. Ela pede por favor que não se chateie com ela por estar fazendo mais uma tentativa.”

Fiquei sabendo do restante numa dessas colunas sociais de esnobes nos jornais. Não as leio muito, só quando fico sem nada do que ter raiva.

“Este correspondente está todo alvoroçado com a notícia de que os queridos Terry e Sylvia Lennox estão mais uma vez juntos, e em Las Vegas. Ela é a filha mais nova do multimilionário Harlan Potter, de San Francisco, e Pebble Beach, é claro. Sylvia pediu a Marcel e Jeanne Duhaux uma redecação completa da sua mansão em Encino, do piso ao teto, no mais *sensacional* estilo *dernier cri*. Curt Westerheym, o penúltimo de Sylvia, queridos, deu-lhe de presente de casamento o chalezinho de somente dezoito quartos, como vocês certamente se lembram. E vocês certamente perguntarão: E o que aconteceu com Curt? Perguntaram? Bem, Saint Tropez tem a resposta, e, pelo que fiquei sabendo, em caráter definitivo. E também uma duquesa de azul, azulíssimo sangue francês, com duas crianças não menos que adoráveis. E o que está achando Harlan Potter desse recasamento? Essa é outra coisa que vocês podem querer perguntar. Aí, só se pode adivinhar. O sr. Potter é uma dessas pessoas que *nunca*, mas nunca mesmo, dão entrevistas. E a privacidade de vocês, queridas, como é que anda?”

Joguei o jornal num canto e liguei o televisor. Depois do vômito de cachorro que era a coluna social até os lutadores de telecatch pareciam uma boa coisa. Mas os fatos concretos eram provavelmente verdadeiros. Na coluna social era melhor que fossem.

Eu tinha uma imagem mental do tipo de chalezinho de dezoito quartos que combinaria com alguns dos milhões dos Pot-

ter, sem falar na decoração dos Duhaux dentro do mais recente simbolismo subfálico. O que eu não conseguia visualizar mentalmente era Terry Lennox circulando em volta de uma das piscinas em bermudas coloridas e interfonando ao mordomo para que pusesse o champanhe no gelo e terminasse de grelhar a perdiz. Não havia razão para que eu imaginasse isso. Se o rapaz queria ser o ursinho de pelúcia de alguém, isso não me dizia respeito. Eu apenas não queria encontrá-lo de novo. Mas eu sabia que iria encontrá-lo, sim — mesmo que apenas por conta da sua maldita mala de pelica incrustada de ouro.

Eram cinco horas de um entardecer chuvoso de março quando ele adentrou o meu dilapidado empório mental. Parecia outra pessoa. Mais velho, muito sóbrio e severo, e lindamente tranquilo. Parecia alguém que tinha aprendido a cair e sair rolando. Usava uma capa de chuva branca perolada e luvas, mas estava sem chapéu e seu cabelo branco era liso como o peito de um pombo.

“Vamos para um bar tranquilo onde a gente possa tomar alguma coisa”, disse ele, como se tudo tivesse sido dez minutos atrás. “Se você tiver tempo, claro.”

Não apertamos as mãos. Nunca fizemos isso. Ingleses não ficam apertando as mãos uns dos outros o tempo todo como fazem os americanos, e embora ele não fosse inglês tinha alguns dos maneirismos.

Eu disse: “Vamos passar lá em casa e pegar aquela sua mala vistosa. Está meio que me incomodando.”

Ele abanou a cabeça. “Seria uma gentileza de sua parte se pudesse guardá-la para mim.”

“Por quê?”

“Sei lá, eu sinto assim. Você se importa? É uma espécie de elo com um tempo em que eu não passava de um esbanjador fracassado.”

“Que se dane isso tudo”, falei. “Mas você é quem sabe.”

“Se está preocupado achando que ela pode ter sido roubada...”

“Problema seu também. Vamos, vamos tomar aquela coisa.”

Fomos para o Victor's. Ele estava dirigindo um Jupiter-Jowet cor de ferrugem com uma capota muito fina sob a qual só havia lugar para nós dois. O carro tinha um revestimento em couro claro e o acabamento parecia todo em prata. Não sou muito detalhista com carros, mas a maldita máquina me deixou com água na boca por algum tempo. Ele disse que chegava a cem quilômetros em segunda. Tinha uma caixa de marchas compacta, a alavanca mal chegava ao joelho dele.

“Quatro marchas”, disse ele. “Ainda não inventaram câmbio automático para uma máquina como essa. E na verdade não é preciso. Você pode engatar uma terceira até mesmo na subida, e em todo caso isso é o máximo que vai conseguir usar dentro do trânsito.”

“Presente de casamento?”

“Não, não, aquele tipo de presente vi-na-vitrine-e-achei-a-sua-cara. Eu sou um cara muito mimado.”

“Que bom”, disse eu. “Se não vier depois a conta.”

Ele me deu uma olhada rápida e depois voltou a se concentrar no asfalto molhado. Limpadores moviam-se gentilmente sobre o pequeno para-brisa. “Conta? Há sempre uma conta, meu velho. Você acha talvez que eu não seja feliz, é isso?”

“Desculpe. Me precipitei.”

“Eu sou rico. Quem diabo quer ser feliz?” Na voz dele havia uma amargura que para mim era coisa nova.

“Como anda a bebida?”

“Com elegância total, amigo velho. Por alguma estranha razão eu pareço ser capaz de lidar com essa substância. Mas nunca se sabe, não é mesmo?”

“Talvez você nunca tenha sido um bêbado de verdade.”

Sentamos numa mesa do canto no Victor's e pedimos gimlets. “Eles não sabem preparar um gimlet aqui”, disse ele. “O que chamam de gimlet é somente um pouco de suco de limão ou de lima e gim e um pouco de açúcar e de bitter. Um verdadeiro gimlet é metade gim e metade Rose's Lime Juice e nada mais. Dá de goleada num martíni.”